

O QUE PODE O “CORPO FEMININO DEFICIENTE” - POTÊNCIAS E POSSIBILIDADES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Michele Caroline da Silva Rodrigues

Resumo

O presente estudo objetiva-se de modo geral, apresentar refletir e contextualizar sobre o corpo deficiente feminino nas aulas de educação física. Busca-se realizar um diálogo entre a filosofia da diferença, mas especificamente aos conceitos de Deleuze e Felix Gattari e a educação física, propondo como um corpo mais expressivo por meio da dança. Tendo em vista que a interlocução entre a filosofia e a educação física relacionado à intersecção deficiência/gênero no âmbito educacional ainda são escassos, esta pesquisa intenciona-se cartografar diferentes possibilidades de compreender este corpo nas aulas de educação física, almejando uma reflexão em torno da elevação das potencialidades deste corpo.

Palavras Chave: Corpo feminino, deficiência, filosofia, educação física.

Este texto ensaio ancorado na filosofia de Gilles Deleuze e seus leitores, tem por objetivo trazer quatro reflexões que implicam aspectos sobre os quais o “*corpo feminino deficiente*” tem sido representado na escola básica. Trata-se de pensar que há na instituição escolar uma imagem deste corpo, que para além de limitá-lo a uma normatização e a normalização próprias a estrutura educativa, também o restringe pelas representações culturais de gênero. Essas se associam as concepções que se construíram nos estratos da cultura a respeito deste corpo no âmbito social, político, científico e religioso. Através destes, o concebem esteticamente imperfeito e afetivamente limitado, fazendo dele um corpo, frágil, débil, fraco. Impuseram ao que “pode” esse corpo uma potência precária, improvável, frouxa.

Trago abaixo quatro potências para uma cartografia que dizem de conceitos que aludem ao corpo e a um trabalho que vem sendo feito em aulas de educação física, aulas que colocam este “*corpo deficiente feminino*” para dançar e nisso almejam desconstruir certa formalidade que limita ações ligadas esta prática. Não se faz por aqui o relato de uma experiência, até porque esta proposta ainda está se desenvolvendo em caráter experimental. Logo, seus resultados não alcançam uma análise que possa ser tratada por aqui. As ponderações expostas nesse texto sobrevoam um vivido no qual uma profissional da educação opera com “*corpo deficiente feminino*” e conceitualmente quer traduzir percepções que vem de sua prática.

Nesse sentido se desenvolve este artigo quatro considerações sobre o “*corpo feminino deficiente*”: primeira chamada fala de *Potência de ser o que se é*; segunda trata da *Potência de expressar (nômade)*; a terceira desvela a *Potência de desejar (sensível)* e a quarta se intitula aposta na *Potência imanente (ilimitado)*. Almeja-se com estas digressões textuais e conceituais forçar o próprio pensamento e dos que trabalham com o “*corpo feminino deficiente*” em direção a uma desconstrução ou uma ruptura da imagem que comumente o reduz. Não só o abrevia como o amordaça, o julga nos limites de uma perfeição racional, também o fragiliza do ponto de vista moral e por consequência restringe sua potência e sua sensibilidade.

Potência de ser o que se é

Esta imagem vinda de uma racionalidade dominante não permite uma mirada espontânea em direção a este corpo, agregando-o sempre ao oposto, ao mito do Narciso. Nesse sentido, se faz uma imagem deste composto “*Corpo feminino deficiente*”, que tende a invisibilizar seus afetos, sua sensibilidade, sua estética e livre expressão, tanto na sociedade em geral como no cenário escolar especialmente, lugar onde se dispõe a problematização desta investigação.

Na estrutura subjetiva que forja a relação educação e sociedade, movimentam-se estes corpos cujos afetos de si carecem de um lugar visível de novas imagens e expressões. Daí se pensar o que pode este corpo nos objetivos de uma educação física? O que pode se ensinar a este corpo, estando nesse lugar de educação institucionalizada, cuja expectativa é que nela se desenvolvam aulas normatizadas, tais que costumam se pautar por imagem corporal ideal e fictícia?

Trabalhar com este “*Corpo feminino deficiente*” não significa apenas re-empoderá-lo, resignificar suas potências, mas movimentar também o que pode uma educação física que educa não querendo se restringir a um trabalho com a física ou com a “*physis*”, quer também sensibilizar a matéria viva e sua performance. Nada é estático na educação física, uma vez que os movimentos do corpo são na sua expressão imagens que o implicam ao “*nôus*” ou aquilo que diz do corpo no próprio corpo, na própria expressão.

Para além de um conceito que sobrevoa o vivido, o corpo na sua materialidade foi destacado, influenciado, manipulado, enclausurado, oprimido, cientificado, patologizado,

sexualizado, moralizado, docilizado, organizado, demonizado, desorganizado, exposto, marcado, erotizado, vulgarizado, dissociado, maquinizado...

A contextualização sobre o “*corpo feminino deficiente*” se deu pela a ideia de infantilização, subjugação de suas capacidades, a relação com a sexualidade, a concepção de fragilidade inocência, vulnerabilidade entre outros dilemas, que levaram a reflexão deste corpo no cenário escolar, e especificamente durante as aulas de educação física. Ações do cotidiano coberto de conceitos binários, rotulados de modo intrínseco com resquícios do patriarcado, marginalização, segregações e homogeneização de todas as formas de diferenças impostas pela lógica normativa, também instigaram para a problemática caracterizada neste estudo.

Neste sentido, sobre a potência de *ser* a este “*corpo feminino deficiente*”, a partir de forças externas, esta potência é reduzida, limitada, circunscrita. Para além desta potência de existir, criar, produzir, Espinosa destaca a potência de afetar e ser afetado, uma potência que consiste na manifestação do infinito, Um Deus de si. Mostrar a este corpo supracitado o que tanto pode, é apresentar e instigar suas potencialidades. Estar disponível a potência de ser, atravessa em todas as formas relações, é vibrar aos encontros destas conexões, é dançar com a vida.

Potência de expressar (nômade)

Neste movimento busca-se juntamente com a potência de ser, a potência de expressar do “*corpo feminino deficiente*” nas aulas de educação física. Procura refletir, quebrar/romper com a lógica do pensamento, com a lógica da racionalidade, com a “lógica” do corpo mais especificamente sobre o “*corpo feminino deficiente*” e apresentá-lo como um local por excelência de diferenças, subjetividades e multiplicidades.

Esta tentativa de apresentar a potencialidade do corpo mencionado, realizará um diálogo entre a filosofia e a educação física, tendo em vista que é ainda de certo modo tímido. Busca-se relacionar, dialogar e cambiar entre as duas áreas de conhecimento, e também se pretende por meio da filosofia da diferença e seus conceitos, instigar, agitar e permitir uma reflexão mais intensiva e elevada sobre o “*corpo feminino deficiente*” nas aulas de educação física.

Um corpo cujas passagens estiveram continuamente limitando seus desejos e devires. Anseia por problematizar este corpo na tentativa de potencializar um corpo nômade, corpo

que fala, corpo que sente, corpo que deseja, um corpo empírico, um corpo acontecimento, corpo produtor das diferenças, corpo potente, um corpo devir criança. Explicitando sobre o Devir, é de forma alguma imitar algo, ou seguir algum modelo pré-definido, semelhanças ou identidades, mas sim estar *entre* as coisas, e não estar nem um termo nem ao outro. Sobre este conceito, Deleuze nos apresenta que:

Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação. Toda crítica estruturalista da série parece inevitável. Devir não é progredir, nem regredir, segundo uma série. E, sobretudo devir não se faz na imaginação, mesmo quando a imaginação atinge o nível cósmico ou dinâmico mas elevado(...)O devir não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos ou somos. O que é real é o próprio devir, bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que se torna. (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1980, p. 291)¹

Sobre o devir criança, propõe um corpo experimental, curioso, potente em ser mais, como uma criança que nos primeiros anos de vida, a experimentação constitui puramente este corpo em construção. Configura-se assim uma proposta de corpo pautada na repetição da experimentalidade concomitantemente as diferenças e multiplicidades. Um corpo que pode é um *corpossibilidades*.

A criação deste *corpossibilidades* ou de novos afetos para um “*corpo feminino deficiente*” perpassa por inúmeros enfrentamentos de processos despotencializadores. Subestimadas em sua universalidade de potência, além das questões estéticas, a transversalidade de gênero e deficiência aumenta as concepções de infantilidade, fragilidade e dependência, não cabível a elas a maternidade (por exemplo) de forma autônoma. Essa potência de ser de si implica autonomia em vários âmbitos sociais. Costuma-se pensar que estas mulheres são incapazes de se cuidar, de cuidar de outrem (filhos), de administrar seus gastos financeiros, de exercer com êxito sua profissão, enfim toda a forma de interdependência as limita de seu desenvolvimento pessoal.

No que diz a respeito da educação física, a concepção construída historicamente desta área atribuiu os deficientes tardiamente em suas práticas. Por um longo período, a ideia que abrangia os conteúdos e/ou modalidades desportivas, visava à perfeição, performance, rendimento o corpo íntegro e saudável, sendo os corpos “defeituosos” excluídos desta sociedade esportiva.

¹ Apud in VASCONCELOS, J. A ontologia do devir de Gilles Deleuze, Revista de filosofia do mestrado acadêmico em filosofia da UECE, Fortaleza, V.2 , N. 4, Verão 2005, p-137-167. Disponível em: <http://www.uece.br/kalagatos/dmdocuments/V2N4-A-ontologia-do-devir-de-Gilles-Deleuze.pdf>

Mesmo que ainda em caráter assistencialista e caridoso, a inserção dos sujeitos deficientes no âmbito da educação física criou-se uma nova categorização da área - a Educação Física adaptada. Esta, rompe com regras fixas do esporte e/ou práticas corporais, criando novas linhas de fuga, novas formas de movimentar-se, inserindo, adaptando-se se permitindo. Criar linhas de fuga neste contexto consiste em fugir da dinâmica dos binarismos instaurados (feio/bonito, normal/anormal, gordo/magro) e criar, fugir, reinventar novas possibilidades de ser e fazer. Sobre estas linhas de fuga, Deleuze e Gattari fundamentam-se em afirmar que: “É sempre sobre uma linha de fuga que se cria, não é claro, porque se imagina ou se sonha, mas ao contrário, porque se traça algo real, compõe-se um plano de consistência.” (DELEUZE, PARNET, 1998, p. 158)

A criação de linhas de fuga para a educação física, visa um reinventar das práticas. Tal área relacionada com a filosofia, compreende o corpo como expressões corporais que provocam deslocamentos. Nesses deslocamentos, possibilitam uma consciência corporal, movimentos de forças e percepções. Diferente das concepções que dicotomizam corpo e mente, esta nova forma de relacionar o próprio corpo é colocá-lo em movimento. É fugir as práticas corporais que reforçam uma educação física incisiva e tecnicista que se manteve por muito tempo.

Esta desconstrução do corpo propõe minimizar² as concepções latentes e enraizadas da educação física que visa desempenho, o corpo-perfeito, corpo-esbelto, corpo-forte, corpo-ágil, corpo-estético, corpo-produtivo, corpo-definido, corpo-anatômico. Anseia-se que corpo em movimento se permita a um espaço da criação, de outro corpo, no corpo de si. Corpo que se cuida, se gosta, se experimenta se observa como expressão de pensamento, fugindo aos grilhões dos modelos de ser, ainda mais aplicado ao gênero feminino. É necessário escapar aos corpos empacotados, embrulhados nos papéis determinados por um instituição escolar e das diversas mídias que bombardeiam os “modelos de corpos”. Fugir as armadilhas tramadas pela rotina, de um dia após o outro que não escapam de serem exercícios de respostas prontas e programadas, institucionais.

Diante das constatações apresentadas, almeja-se ao “*corpo feminino deficiente*”, por meio das aulas de educação física, novas produções, criações, experimentações de práticas que reflitam a prática em busca de corpos menos oprimidos as normativas impostas

² Utiliza-se minimizar por compreender que a concepção de corpo na educação física que concebe o corpo modelo, esbelto, de perfeição estética e desempenho, está fortemente enraizada em nossa cultura. Se utilizar a palavra excluir, eliminar ou sinônimos, seria de certa forma romantizar e tornar utópico esta desconstrução deste corpo nas aulas de educação física.

socialmente. A potência de expressar a este corpo consiste portanto, em rompimentos de binarismos e normativas, na promoção de práxis de novas experimentações buscando um corpo sensível, criativo, expressivo e desejante.

Potência do desejo (sensível)

Intenciona-se a este movimento uma potência do desejo de um corpo mais sensível. Na conjuntura das aulas de educação física ao “*Corpo feminino deficiente*”, a ideia é desistematizar e desterritorializar³ as práticas físicas propostas numa educação física que enaltecem o desempenho, o perfeccionismo, valoriza a prática fisiologista, biológica, que exclui as questões corpóreas do corpo vivido, corpo de experiências, corpo-cultural, corpo-sensível, corpo-sentidos. Propor estes corpos em ritmo dança e expressão quer desencadear certa sensibilidade aos movimentos destes corpos invisibilizados, serem abertura para as experiências que surgem em busca de outros indícios de aprendizado sobre corpo, liberando devires no fio tênue das aparências experimentais.

Lembrando que devir não é algo a ser atingindo, mas sim a desorganização de significações, isto é, “um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco ele é uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação”. (...) ⁴. São fluxos do desejo que se modificam, e este desejo consiste na vontade de potência de si mesmo. Por meio destes devires propostos durante as aulas de educação física, busca-se ampliar os territórios imanentes deste corpo e apresentá-los como potências no ambiente escolar. Propõe a dança como um meio de inventar, experimentar, sentir, movimentar novos modos de si. Correr, pular, girar, forçar, flexibilizar o sentido, também pode ser uma maneira de desestruturar aquela educação física higienista, militarista, funcional, fisiológica, de linhas rígidas. Linhas inflexíveis que servem a máquina abstrata, do poder, da homogeneização das diferenças, da padronização, dos resultados, da classificação, dos vencedores, da competição.

Não se pretende criar novas regras ou normativas para uma nova educação física, ou impor uma determinação de aulas voltadas somente para o “*corpo feminino deficiente*”, mas sim visa-se reinventar algumas práticas visando à expressividade, a sensibilidade, a produção

³ "A função de desterritorialização: é o movimento pelo qual 'se' deixa o território “.”O território não é primeiro em relação à marca qualitativa, e a marca que faz o território. As funções num território não são primeiras; elas supõem, antes de tudo, uma expressividade que faz território. É de fato nesse sentido que o território, e as funções que aí se exercem, são produtos da territorialização.(DELEUZE apud ZOURABICHVILI, 2004: 22).

⁴ 25. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. (1997), Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (Volume 4), Rio de Janeiro, Editora 34, pp. 18-19

das diferenças, sem cair nos binarismo de identidades fixas. Romper com linhas duras⁵, e transformar em linhas fluídas, criativas espontâneas, do poder de afetar e ser afetado. Desterritorializar uma prática pautada em linhas rígidas pode levar ao caos, mas toda desordem precede novos modos de ser, reterritorializam o praticante, sujeito, sensibilizado em sua corporeidade, espécie ritornelo⁶ que consiste em desconstruir para reconstruir esta proposta de uma educação física potente.

Propomos para conexão da filosofia as práticas de educação física à dança como promoção da potência sensível. Deixar o “*corpo deficiente feminino*” se afetar pela música, pelos desejos pelos ritmo, cadência, compasso. Uma dança que não consista em passos definidos, com demarcações e movimentos determinados e não modificados. Por meio de práticas corporais de elementos da dança idealiza-se

Empreender movimentos de desterritorialização e reterritorialização, é ultrapassar os estratos de nossa identidade como pessoas para além da lógica binária, dentro da qual somos homem ou mulher, criança ou adulto, professor ou aluno, humano ou animal. Desfazer ou disfarçar esses estratos de contornos fixos não é matar a si mesmo, mas permitir conexões, circuitos, trânsitos e devires. É combater o uno de nossa identidade e fazer-nos múltiplos(LARRAURI, 2009, p. 46).

Criar potências para um corpo nômade que extrapola seus limites e estratos, é possível por meio de experiências e/ou experimentação. Assim “a experimentação, a destruição da identidade pessoal e as linhas de fuga fazem-nos tangenciar o desconhecido” (LARRAURI, 2009, p. 46). Explicitar o/s sentido/s de um “*corpo feminino deficiente*” em práticas experimentais que o dotam de movimentos do sentir, da conexão entre consciência e corpo, fluxos e afetos, em uma estética corporal que não se ocupa do desempenho.

⁵ As linhas duras nos compõem através do estabelecimento de dualidades sociais, que nos estratificam, no sentido forte do termo. São as grandes divisões na sociedade: rico ou pobre, trabalhador ou vagabundo, normal ou patológico, homem ou mulher, culto ou inculto, branco ou negro, etc.(CASSIANO, FURLAN, 2013, P. 372)

⁶ O ritornelo se define pela estrita coexistência ou contemporaneidade de três dinamismos implicados uns nos outros. Ele forma um sistema completo do desejo, uma lógica da existência (“lógica extrema e sem racionalidade”). Ele se expõe em duas tríades ligeiramente distintas. Primeira tríade: 1. Procurar alcançar o território, para conjurar o caos; 2. Traçar e habitar o território que filtre o caos; 3. Lançar-se fora do território ou se desterritorializar rumo a um cosmo que se distingue do caos. Segunda tríade: 1. Procurar um território; 2. Partir ou se desterritorializar; 3. Retornar ou se reterritorializar. O ritornelo merece duas vezes seu nome: em primeiro lugar, como traçado que retorna sobre si, se retoma, se repete; depois, como circularidade dos três dinamismos (procurar um território para si = procurar alcançá-lo). Assim, todo começo já é um retorno, mas implica sempre uma distância, uma diferença: a reterritorialização, correlato da desterritorialização, nunca é um retorno ao mesmo.(DELEUZE apud ZOURABICHVILI, 2004: 50,51).

As diferentes proporções de consciência corporal tendem a ampliar a percepção do corpo e do movimento, explorar e instigar novas possibilidades de movimentar-se, promover estados de potências criativas de expressões corporais. Este corpo estilhaçado em órgãos pode ser reunido no ritmo que traz novas modulações para relação “*corpo feminino deficiente*” e mundo, criando um corpo plural e sensível, proporcionando “um estado do corpo enquanto induzido por outro corpo” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 199).

Expressar pela dança permite, no deslocamento da marcação, novos modos de se perceber. O que implica em tornar esse “*corpo feminino deficiente*”

hipersensível, despertar nele todos os seus poderes de hiperpercepção, e transformá-lo em máquina de pensar – quer dizer, reativá-lo enquanto corpo paradoxal, o que todos os regimes de poder sobre o corpo procura apagar, esforçando-se por produzir o corpo unitário, sensato, finalizado das práticas e das representações sociais que lhes são necessárias (GIL, 2004a, p. 169).

O corpo visto de forma mais intensiva e sensível, pode contribuir na compreensão de mundo diferenciado, mais receptivo, afetivo, imanente. Entende-se a partir de tais constatações que para o “*corpo feminino deficiente*” uma potência do desejo. Este desejo ao corpo supracitado, fundamenta-se na profundidade do corpo orgânico, singular repleto de intensidades. Entretanto esta organicidade e multiplicidade de intensidades é quase imperceptível e constantemente bloqueado ou aniquilado pelas imposições moralistas, regradas, ou religiosas dadas pela máquina abstrata. O julgamento moral contínuo, ou o “juízo de Deus” limitam no crescimento, transformação, expansão, e confinam a vida aos desejos, as experimentações, os devires.

Propondo esta potência do desejo ao “*corpo feminino deficiente*”, destaca-se que o desejo não é aquilo que lhe falta, mas sim uma manifestação diante a uma falta, ausência, carência. É uma produção inconsciente, de forças inconscientes que não são espontâneas. É um resultado de si mesmo, seu próprio juízo intrínseco rompendo com os juízos moralistas externos. Não é tão fácil desejar perante as identidades construídas a base das estratificações sociais. O desejo não é falta, mas a produção! O desejo não se funda em uma estrutura dada e fixa, mas na multiplicidade dos encontros, num movimento de devir constante. O agenciamento do desejo sempre cria o novo, sempre é produção de linhas, por isso é revolucionário! É produzir infinitas linhas fluídas de si mesmo, um corpo potencialmente desejante.

A partir das concepções supracitadas, propõe um desejo de um “corpo feminino deficiente” potente nas aulas de educação física, distante das identidades intransigentes que segregam este corpo por sua estética, produção, e funcionalidade. Neste sentido Deleuze nos convida a traçar linhas de fuga que fogem das significações dominantes, estas que nos aprisionam em identidades. Este desejo nos sugere a diferença! As diferenças que estão ali, devem ser visibilizadas, e não mascaradas. Devem instigar a devires de potencialidades e multiplicidades destes corpos, não resumidos a binarismos de oprimidos, e amarrados a ideias limítrofes do senso comum. Deseja-se e sugere-se uma construção de corpos sem órgãos (CsO) ao “corpo feminino deficiente”.

Potência imanente (ilimitado)

Será proposto ao “*corpo feminino deficiente*” uma relação com o conceito de corpo sem órgãos (CsO) para dizer de uma prática que quer elevar à múltipla potência a percepção de si como suspensão da racionalidade. Racionalidade esta na qual domina uma imagem de corpo de formas perfeitas, completo, asséptico, esbelto, em forma, que nada condiz às intenções de viver as próprias singularidades no cuidado de si que se relacionam as atividades organizadas para o “corpo feminino deficiente” durante as educação física.

Primeiramente, o CsO não se trata de um conceito estrito e fechado, mas sim trata-se de um conjunto de práticas. Não é algo que possui um início, meio e fim. “Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele (...)” (DELEUZE, GATTARI, 1996, p. 9). O CsO é imanente, singular. Não é uma prática de uma receita pronta para a construção do CsO a todos os corpos. É uma abertura de novas possibilidades de ser, de existir, uma abertura para vida distante do organismo. É dar novos sentidos e sensibilidades. É levar-se a pura imanência.

Tal conceito que os autores utilizam deriva da obra “*Para acabar com o juízo de Deus*” do dramaturgo francês Antonin Artaud (Deleuze; Guattari, 1996). Esta obra denunciava ações do sistema capitalista repugnantes, entretanto em nome de “*Deus*” eram (e ainda são) aceitas socialmente. De certa forma esta obra se constituía com ideais militantes e revolucionários na promoção de novas formas de existir, já que o capitalismo visava à eliminação das subjetividades e todo tipo de diferença, produzindo novas formas de vida baseadas no biopoder. A luta de Artaud se configurava contra a homogeneização das diferenças subjetividades, da vida. Luta contra este “*Deus*” capitalista disciplinador,

normatizador, domesticador de corpos, criador de identidades e aniquilador das diversidades. Visa romper com as incumbências organizacionais deste “Deus”. Sobre isso, ele afirma que

Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos, então o terão libertado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade. Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas como no delírio dos bailes populares e esse avesso será seu verdadeiro lugar (ARTAUD, 1983, p. 13-14)⁷

Sendo um conjunto de práticas, que lidam com o corpo, é válido relacionar com o nosso objeto de estudo- o “*corpo feminino deficiente*” - nas aulas de educação física. Neste momento do cotidiano escolar, os “*juízos de Deus*” estão latentes em formas de movimentar, em regras fixas das práticas, o desempenho esperados, das diferenças segredadas na sociedade. Promover um CsO a este corpo, é apresentar e fluir com as diferenças. É criar múltiplas formas de movimentar sem ter identidades una. É perceber que “*juízo de Deus*” não é transcendente, mas imanente a interesses sociais, que inviabilizam o corpo produção de si mesmo, corpo experimental, corpo criativo, corpo livre, corpo leve.

O CsO não é contrário aos órgãos. “Seus inimigos não são os órgãos. O CsO não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama de organismo.” Para Artaud “ *O corpo é corpo. E não tem necessidade de órgãos. O corpo nunca é o organismo. Os organismos são inimigos do corpo.*” (DELEUZE, GATTARI, 1996, p. 21). Ao declarar guerra aos órgãos, Artaud propõe um corpo mais intensivo e transponível às experimentações. Um corpo baseado aos órgãos e ao organismo, sustenta a si as determinações, normativas, restrições e funcionalidade impostas a ele. Declarar guerra aos órgãos, se caracteriza a uma discrepância ao corpo produtivo social.

Para Artaud, o corpo pleno sem órgãos não é produtivo. Para ele a construção para si de uma CsO parte de tão e somente o indivíduo e o que ele faz com seu corpo. Assim o autor afirma que para a construção de um CsO é preciso “(...) supor o Contágio. Deixar-se afectar, não para ser ou parecer com o outro, muito menos para se “identificar” com o outro. O processo de contágio nem é busca nem “encontro” com o Ser ou com o Nada” (LINS, 1999, p.58). Novamente surge a questão do outro como possibilidade de afectar, mas não de comparação, identificação ou modelo. É fazer-se artesão de seus desejos, afetos, potências e

⁷ Apud in tese de doutorado Almeida M. V. M. A selvagem dança do corpo- Universidade Estadual de Campinas, 2006, p. 190.

intensidades, desapegando aos estratos do organismo, tornando-se um corpo não oprimido. Neste sentido o CsO é

Ele é o limite vivido, limite imanente na medida em que o corpo incidir nele quando atravessado por “*afectos*” ou “*devires*” irredutíveis aos vividos fenomenológicos. Ele tampouco é um corpo próprio, já que seus devires desfazem a interioridade do eu. Impessoal, nem por isso deixa de ser o lugar onde se conquista o *nome próprio*, numa experiência que excede o exercício regulado e codificado do desejo separado do que ele pode. Se o CsO não é o corpo vivido, mas seu limite, é porque remete a uma potência invisível como tal, a de um desejo sempre em marcha e que nunca se deteria em formas. (Zourabichvili, 2004, p. 32).

Reconstruir e repensar neste corpo livre do organismo fundamenta-se em eximir aos significados e interpretações que permeiam o corpo. Isentar-se das normativas, morais, e automatismos da sociedade contemporânea, constitui na construção do CsO. A construção do CsO requer incessantemente voltar-se a si, questionar e refletir a si mesmo, sem deixar-se cair nas determinações dadas pela psicanálise por exemplo (sou drogada, paranoica, masoquista, bondosa, vingativa, teimosa, amável, etc.) A verdadeira liberdade é o alcance do CsO. Mas cabe aqui desromantizar o CsO como tendo somente carácter positivo, e que sua obtenção de forma engessada se é CsO ou não. Não se trata o CsO pelos binarismos potente/despotente, desejo/indesejável, Tudo/nada, o Cso expressa devires.

Considerações Finais

A escola é um lugar onde costuma-se resistir às mudanças, neutraliza-se o olhar sobre aquilo que acontece, muitas resistências aos modelos que ela propaga passam despercebidas. Este diálogo entre a filosofia e a educação física, busca desencadear certa sensibilidade aos movimentos de expressão dos corpos invisibilizados. As identidades e concepções que se tem de forma hipotética ou consumadas serão desterritorializadas, na busca de ultrapassar os estratos do organismo e das lógicas binárias eminentes neste corpo.

Propõe por meio da dança, a desterritorialização deste corpo, desta educação física pautada da prática pela prática, e reterritorializar este corpo mais expressivo, sensitivo, em constante metamorfose e de múltiplas potencialidades. É pensar na dança como processo criativo do “*corpo feminino deficiente*”, de experimentações das diferenças, dos sentidos, dos devires. Propor este corpo-dança, é criar seu próprio tempo, movimento, ser. É romper os linhas limítrofes de todas as imposições existenciais da sociedade, e produzir corpos plurais, corpos intensivos, expressivos, infinitos corpos de si mesmo.

Pretende-se combater as concepções discriminatórias e que negligenciam as potências deste do “*corpo feminino deficiente*”, opondo-se a identidade uno e substituindo para múltiplas identidades. A partir dos movimentos conceituais deseja fazer rizoma deste “*corpo deficiente feminino*”, desorganizando-o das identidades existentes e contribuindo na constituição do corpo sem órgãos. Assim, refletir sobre o “*corpo deficiente feminino*” contribuirá na construção de um corpo sensível, feito de afectos e intensidades com vontade de potência na escola e na sociedade em geral.

Esta proposta do diálogo da filosofia da diferença com a educação física ainda é percussor de um debate sobre como efetivar as teorias filosóficas com as práticas do movimento. Não é algo pronto, nem pretende-se que esta discussão se finda aqui, mas sim que possam surgir novas ideias, reflexões e devires sobre o rico casamento rizomático que ambas as áreas podem oportunizar.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA M. V. M. **A selvagem dança do corpo**. Tese de doutorado Universidade Estadual de Campinas, 2006.

CASSIANO, M. & FURLAN, R. **O processo de subjetivação segundo esquizoanálise**. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 373-378. (2013). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/14.pdf>

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

____ **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34 1996. v.3

____ **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Paris, Minuit, 1980, p. 291 [v.4. p. 18].

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

GIL, José. **N Movimento total: o corpo e a dança**. São Paulo: Iluminiras, 2004.

LARRAURI, Maite; MAX, **O desejo segundo Gilles Deleuze**, São Paulo, Ciranda Ciranda Cultural, 2009.

LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio (Orgs.). **Nietzsche e Deleuze. Que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LINS, Daniel. **Antonin Artaud: o artesão do corpo sem órgãos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2004.